

A Retirada da Laguna, Visconde de Taunay

Fonte:

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle Taunay, Visconde de. *A retirada da Laguna - episódio da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ediouro. (Prestígio)

Texto proveniente de:

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Evanildo Tadeu R. da Silva – Corumbá/MS

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <parceiros@futuro.usp.br> ou <voluntario@futuro.usp.br>.

A RETIRADA DA LAGUNA

Visconde de Taunay

Episódio da Guerra do Paraguai

Prefácio da Décima Terceira Edição

Em seis anos divulgaram-se cerca de seis mil exemplares da Retirada da Laguna da última edição impressa.

Mostra tal fato quanto os leitores brasileiros se interessam pela história pungentíssima deste episódio da Guerra do Paraguai, que figura entre as mais belas e notáveis coisas da tradição de nosso país.

Razão de sobra lhes assiste: não receia ele confronto com os mais elevados feitos dos anais militares das nações do Ocidente.

É que poucas tropas – com tamanha intrepidez e espírito de abnegação patriótica – sofreram o que suportaram os nossos soldados da Constância e do Valor.

A esta edição anexei três documentos honrosíssimos para o autor da Retirada da Laguna e sua obra (ver pág. 12). É o primeiro a carta pela qual Caxias lhe agradece a oferta de um exemplar da Retirada, manifestando-lhe o seu louvor ao livro e o apreço em que tinha o seu autor.

Assim, mais uma vez e mais largamente se divulga uma das vozes mais antigas de aplauso que a narrativa xenofônica mereceu. De que prestígio se reveste este depoimento! Partiu do grande e invicto cabo-de-guerra, expressamente ao ofertante do livro quanto o seu relato vinha robustecer-lhe

a convicção, de que as forças empenhadas na campanha de Mato Grosso e na Retirada da Laguna, parte do exército de que era generalíssimo, “cumprira sempre seu dever, sustentando sempre a glória das Armas Brasileiras”.

Assim de início teve a épica narrativa da campanha de maio de 1867 a consagração do aplauso do magno Pacificador, gênio tutelar da nossa unidade nacional, broquel do Brasil agredido exteriormente e ínclito patrono do Exército Brasileiro.

O segundo dos documentos veio a ser a mensagem por Taunay merecida de seus irmãos de armas, quando em 1885 e em virtude de circunstâncias políticas incômodas, se não desagradáveis de sua carreira de homem público e parlamentar, deixou o serviço do Exército.

Mais honrosas palavras de despedida seria impossível redigir do que as que encerraram esta manifestação subscrita por centenas de oficiais-generais, oficiais superiores e outros menos graduados, de toda a hierarquia militar da época, partindo de um marechal de exército e ajudante-general do exército aos simples alferes e cadetes.

Constituem estes apelidos um rol do mais alto significado. Nele surgem muitos dos mais gloriosos nomes de servidores do Brasil, já então, aureolados pela reputação de seus feitos, e outros ainda no início de suas grandes carreiras.

O último dos três documentos refere-se à manifestação que várias centenas de oficiais-generais, superiores e outros pertencentes à guarnição do Rio de Janeiro, fizeram ao então major Taunay em testemunho de gratidão da classe à sua atuação de parlamentar, como membro que fora da Câmara dos Deputados em duas legislaturas. À sua iniciativa devia haverem-se incorporado à legislação do país medidas de alta benemerência como fossem: a imprescritibilidade dos direitos das viúvas dos militares ao meio soldo, o reajustamento das tabelas de soldos e etapas, a contagem em dobro do tempo de serviço em campanha, entre outras medidas de menor alcance.

Ofereceram-lhe os manifestantes, encabeçados por um dos mais ilustres e prestigiosos oficiais daquele tempo, o heróico Antonio Tibúrcio Ferreira Sousa, magnífico retrato a óleo, de tamanho natural.

Em todo o Brasil provocou a passagem do primeiro centenário natalício do autor de Retirada da Laguna, a ocorrência de consideráveis demonstrações de apreço à memória do soldado escritor.

Partiram as primeiras do Exército Nacional. Por intermédio de generosa ordem do dia, determinou o então Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, que todas as guarnições do país festivamente celebrassem a efemérides de 22 de fevereiro de 1943 em altamente significativas cerimônias. Em largos artigos recordou a Imprensa Brasileira o que fora a vida e era a obra do militar, do escritor, do parlamentar, do nacionalista apaixonado, do administrador. E vários dos seus mais prestigiosos órgãos a tal fim consagraram largas colunas e páginas de suas edições como sobretudo o fizeram o “Jornal do Comércio” e “O Estado de São Paulo”.

Magníficas cerimônias votivas realizaram-se no Rio de Janeiro, por parte do Exército, do Instituto Histórico Brasileiro, da Irmandade de Santa Cruz dos Militares, de numerosas e prestigiosas associações militares, de numerosas e prestigiosas associações militares, literárias e Histórico de São Paulo e seus congêneres de diversos Estados, sobretudo no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, promovendo sessões especiais as mais honrosas.

Em todo o Brasil, de extremo a extremo, pode-se afirmá-lo, a memória do autor da Retirada envolveu uma onda de simpatia e apreço que aos filhos do reverenciado trouxe a mais grata emoção

de despertou-lhes a mais reconhecida saudade.

Assumindo a Presidência da Republica, o Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra entendeu, ele e seu Ministro da Guerra, Exmo. Sr. General Canrobert Pereira da Costa, coroar as manifestações de 1943 do modo mais dignificante.

Para patrono do Batalhão-Escola de Engenharia escolheram o soldado historiador da Retirada da Laguna.

Assim, mais uma vez, quero, de publico, em nome próprio e no de meus irmãos, e de quantos pelo sangue se prendem a Alfredo D'Escrognolle Taunay, testemunhar aos dois eminentes oficiais-generais, autores de tão alta homenagem, quanto ela nos sensibilizou e desvaneceu.

Mais nobre, mais eloqüente formula não se poderia encontrar para, em perene rememoração, perante a nação, recordar os serviços de sangue e de paz prestados a Pátria Brasileira pelo historiador do inesquecível feito daqueles guerreiros seus irmãos de armas, de cujos sacrifícios foi comparte. Desses soldados da Constância e do Valor, que, acabrunhados por inexcedíveis privações, perseguidos por inimigo cruel e incomparavelmente mais forte, cercados pelo incêndio, dizimados pela cólera e os combates, exinanidos de forcas mas nunca de animo, salvaram as bandeiras e os canhões que o Brasil lhes confiara...

São Paulo, 25 de maio de 1952

Affonso de E. Taunay.

A
Sua Majestade o Senhor
Dom Pedro II
Imperador do Brasil

Senhor,

Ao se render Uruguaiana, inaugurou Vossa Majestade, na América do Sul, a guerra humanitária, a que aos prisioneiros poupa e salva, trata feridos inimigos com os desvelos dispensados aos compatriotas, a que, considerando a efusão de sangue humano deplorável contingência, aos povos apenas impõe os sacrifícios indispensáveis ao solido estabelecimento da paz.

E principalmente sob este pontuo de vista que ousou achar-me autorizado a colocar sob o augusto patrocínio imperial a desataviada narrativa da Retirada da Laguna, obra de constância e da disciplina, em que os oficiais de Vossa Majestade, devendo defender, por entre obstáculos os mais diversos, as bandeiras e os canhões a eles confiados, jamais cessaram, quanto lhes foi possível, de conter o legitimo desforço de bizarros soldados, exasperados pelo furores do inimigo, e obstar à crueldade tradicional de auxiliares índios, vingativos como soem ser.

É este reflexo de um grande ato de iniciativa soberana, a mais bela recordação que jamais poderemos entre camaradas invocar; cabe-nos a honra de a Vossa Majestade dedicá-la.

De Vossa Majestade Imperial
Súdito e servidor, muito humilde e obediente,

Alfredo d'Escragnolle Taunay.

Prólogo

É o assunto deste volume a serie de provações por que passou a expedição brasileira, em operações ao Sul de Mato Grosso, no recuo efetuado desde a Laguna, a três e meia léguas do rio Apa, fronteira do Paraguai, ate o rio Aquidauana, em território brasileiro, trinta e nove léguas, ao todo, percorridas em trinta e cinco dias de dolorosa recordação.

Devo esta narrativa a todos os meus irmãos de sofrimento, aos mortos ainda mais do que aos vivos.

Em todos as épocas largo interesse se ligou às retiradas, não só por constituírem operações de guerra difíceis e perigosas, como nenhuma outra, mas ainda porque os que as executam, já sem entusiasmo nem esperanças, freqüentemente entregues ao desanimo, ao arrependimento de erros ou das conseqüências de erros, precisam arrancar ao espirito, assim preocupado, os meios de enfrentar a fortuna adversa, que a cada passo os ameaça, com todos os seus rigores. Em tais contingências requer-se o verdadeiro cabo de guerra: ali há de se lhe revelar o caracterisco essencial: a inabalável constância.

Vive a Retirada dos Dez Mil em todas as memórias. Colocou Xenofante na plana dos primeiros capitães. Nos tempos modernos vários ocorreram não menos notáveis: a de Altenheim, pelo marechal de Lorge, após a morte de Turenne, seu tio, e que ao grande Condé fez declarar que lha invejava; a de Praga, enaltecedora da nomeada do conde de Belle Isle: a de Plaffenhofen, por Moreau, tida como um dos mais belos jeitos d'armas, efetuados por Turenne; já em nossos dias: a de Talavera, que levou Lorde Wellington, triunfante, a Lisboa; a que honrou o funesto regresso de Moscou e em que o Príncipe Eugênio e o Marechal Ney rivalizaram, em heroísmo; a de Constantina pelo Marechal Clausel e outras menos célebres; mas que, no entanto, pela variedade dos perigos e das misérias, chamam a atenção da história.

Resta-nos solicitar a maior indulgência para esta narrativa cujo único mérito pretende ser o dos fatos expostos. Tiramo-los de um diário escrito em campanha.

Assim nela hão de abundar as incorreções, demasias e repetições; cremos dever deixá-las; são indícios da presença da verdade.

Alfredo D'Escragnolle Taunay.

Rio de Janeiro, outubro de 1868.

I

Formação de um corpo de exército destinado a atuar, pelo norte, sobre o alto Paraguai. Distâncias e dificuldades de organização.

Para dar uma idéia, algum tanto exata, dos lugares onde, em 1867, ocorreram os acontecimentos cuja narrativa se vai ler, convém lembrar que, ao finalizar de 1864, havendo o Paraguai atacado e invadido, simultaneamente, o Império do Brasil e a República Argentina, achava-se, decorridos dois anos, após tal investida, reduzido a defender o próprio território, invadido do lado do sul, pelas forças conjuntas das duas potências aliadas, a quem coadjuvava pequeno contingente de tropas da República do Uruguai. Ao sul oferecia o caudaloso Paraguai mais vantagens à expugnação da fortaleza de Humaitá, que, pela posição especial, se convertera na chave estratégica do país, assumindo, nesta porfia encarniçada, a importância de Sebastopol, na Campanha da Criméia.

Ao norte, do lado de Mato Grosso, eram as operações infinitamente mais difíceis, não só porque ocorriam a milhares de quilômetros do litoral atlântico, onde se concentram todos os recursos do Brasil, como ainda por causa das inundações do rio Paraguai, que cortando na parte superior do curso terras baixas e planas, transborda anualmente, a submergir então regiões extensíssimas. Consistia o plano de ataque mais natural em subir as águas do Paraguai, do lado da Argentina, até o coração da república inimiga e, do Brasil, descê-las a partir de Cuiabá, a capital mato-grossense que os paraguaios não haviam ocupado.

Teria impedido à guerra arrastar-se durante cinco anos consecutivos esta conjugação de esforços simultâneos. Mas era-lhe a realização extraordinariamente difícil, devido às enormes distâncias a transpor. Basta lançar os olhos sobre um mapa da América do Sul e examinar o interior do Brasil, em grande parte desabitado, para que qualquer observador de tal se convença logo.

No momento em que se enceta esta narrativa, estava, pois, a atenção geral das potências aliadas quase exclusivamente voltada para o Sul, para as operações de guerra, travadas em torno de Curupaiti e Humaitá. Quanto ao plano primitivo fora ele mais ou menos abandonado; quando muito ia servir de pretexto a que se infligissem as mais terríveis provações a uma pequena coluna expedicionária, quase perdida nos imensos e desertos sertões brasileiros.

Em 1865 – ao arrebentar a guerra que Francisco Solano Lopes, o presidente do Paraguai, na América do Sul suscitara sem maior motivo do que os ditames da ambição pessoal; quando muito a invocar o vão pretexto da manutenção do equilíbrio internacional – o Brasil, obrigado a defender honra e direitos, dispôs-se, denodadamente, para a luta. A fim de reagir contra o inimigo, em todos os pontos onde podia enfrentá-lo, o plano da invasão do Paraguai setentrional acudiu naturalmente a todos os espíritos; preparou-se uma expedição para este fim.

Não foi infelizmente este projeto de diversão realizado nas proporções que sua importância exigia; e, mais infelizmente ainda, os contingentes acessórios sobre os quais contávamos, para avolumar o corpo de exército expedicionário, durante a longa jornada através de São Paulo e Minas Gerais, falharam em grande parte ou desapareceram devido a cruel epidemia de varíola e as deserções que esta provocou. Marchou-se lentamente: provinha a demora de muitas causas, sobretudo da dificuldade do abastecimento de víveres.

Foi somente em julho (partira do Rio de Janeiro em abril) que a coluna pôde organizar-se em Uberaba, chegando-lhe os quadros a atingir cerca de três mil homens. Reforçavam-na vários batalhões que, de Ouro Preto, trouxera o coronel José Antônio da Fonseca Galvão.

Não sendo esta força ainda suficiente para uma ofensiva, seu comandante, Manuel Pedro Drago, encaminhou-a para a capital de Mato Grosso, a fim de avolumá-la. Assim se adiantou em direção ao noroeste, até as margens do Paranaíba, quando ali recebeu peremptórias ordens do governo, levando-lhe instruções formais de marchar para o distrito de Miranda, então ocupado pelo inimigo.

Tal injunção, no ponto a que chegávamos, impunha como forçado corolário obrigar-nos a descer em direção ao rio Coxim e a contornar em seguida a serra de Maracaju, por sua base ocidental, anualmente invadida pelas águas do Paraguai. Assim, pois, estava a expedição condenada a atravessar extensíssima região emprestada pelas febres palustres.

A 20 de dezembro atingiu o Coxim, ainda sob o comando do coronel Galvão, recentemente investido da chefia e, pouco depois, graduado em brigadeiro.

Embora sem valor algum estratégico, tinha pelo menos o acampamento do Coxim uma altitude que lhe garantia a salubridade. Não tardou, porém, que a enchente havendo-o ilhado e isolado, ali passasse a força pelas mais cruéis privações, sofrendo até fome.

Após longas hesitações, forçoso se tornou romper ao acaso, através do pestilento pantanal, onde a coluna foi desde o princípio provado pelas febres. Uma das primeiras vítimas veio a ser o próprio e infeliz chefe, falecido à margem do rio Negro. Afinal, arrastando-se penosamente, conseguiu atingir a povoação de Miranda a 396 quilômetros para o sul. Aí uma epidemia climática de novo gênero, a paralisia reflexa, ou beribéri, acabrunou-a, dizimando-a ainda mais. Dois anos quase haviam decorrido, desde a nossa partida do Rio de Janeiro. Lentamente descrevêramos imenso circuito de dois mil cento e doze quilômetros. E já um terço de nossa gente perecera.

II

Miranda. Partida da coluna. Marcha de Miranda a Nioc.

Foi a 1º de janeiro de 1867 que o coronel Carlos e Moraes Camisão, nomeado pela presidência de Mato Grosso, assumiu o comando dos desventurados soldados que, só mesmo profundo sentimento de disciplina, pudera até então manter em forma. É Miranda quase inabitável, rodeada como se acha, e numa extensão considerável, de depressões que a menor chuva, num instante, inunda, até mesmo na melhor estação, e que os raios solares, som a mesma rapidez, enxugam. Privada de boa água, pois a do Miranda é sempre agitada e lodosa, a disposição do terreno não oferecia ali, aliás, nenhuma das condições militares às quais, em rigor, poderiam Ter sido sacrificadas as considerações higiênicas. E com efeito, ao longo de um caudal, acessível a grandes embarcações, estendem-se margens uniformemente baixas a que tiram toda a segurança estradas abertas.

Freqüente e energicamente pronunciara-se a comissão de engenheiros contra maior demora neste foco de infecção; e já, por duas vezes, em relatório, o assinalara o chefe da junta médica como a causa de ruína da expedição, pois de contínuo diminuía o seu pessoal, quer pela morte, quer pela dispensa forçada dos doentes. Continuava o beribéri a fazer em nossas fileiras numerosas vítimas naquele lugar ainda sujeito à influência dos grandes pantanais que a tropa acabara de atravessar, entre o Coxim e Miranda.

Estava Miranda em ruínas quando nossas forças ali entraram. Ao partirem haviam-na os paraguaios incendiado. Ardera parte das construções, mas eram evidentes os sinais de decadência, anterior ao incêndio que sucedera à primeira fase de desenvolvimento e prosperidade. Ainda se mantinham de pé prédios cômodos e sobre o local de velha fortificação, outrora bem construído quartel, então muito deteriorado pelo fogo, fechava uma praça de onde saíam duas ruas que iam acabar em frente à igreja paroquial, ambas ladeadas de casas erguidas a pequena distância umas das outras.

Da matriz apenas subsistiam as paredes laterais, e arcabouço da torre, o galo de folha-de-flandes e uma cruz esculpida no alto do frontão. Fora edificada graças aos esforços de virtuoso missionário italiano, Frei Mariano de Bagnaia, que não somente nela empregara o produto das esmolas, por ele próprio recolhidas em toda a vizinhança, com incomparável trabalho e ardor, como ainda ali aplicara a modesta cônica.

Os tristes destroços desta igreja, saqueada pelos paraguaio, que até os sinos lhe tomaram, havia algum tempo antes presenciado uma cena que nos parece merecer menção.

A 22 de fevereiro de 1865, deixando Frei Mariano as margens do Salobro, onde se refugiara, ao aproximar-se a invasão, viera, de moto próprio, entregar-se aos paraguaios, no intuito de lhes pedir compaixão para com a desventurada paróquia. Ao chegar à vila, fora-lhe o primeiro cuidado correr à matriz, objeto da sua mais viva solicitude. Desolador espetáculo o esperava: altares derribados, as imagens santas despojadas dos adornos, enfim todas as mostras da profanação. Ao presenciá-lo, dele se apoderou tal sentimento de indignação e desespero, que não pôde dominar-se. Imediatamente, e em tom retumbante, à frente do chefe paraguaio e seus comandados, pronunciou solene anátema contra os autores de tais atentados. Ouviram-no todos cabisbaixos, como se esta voz severa fora a de algum daqueles Padres que outrora lhes haviam catequizado os antepassados, esforçando-se o comandante em convencer o missionário que os únicos culpados eram os Mbaías (Índios).

Lavado em lágrimas, corria o santo homem de altar em altar, como para verificar os ultrajes praticados contra cada um dos objetos de sua veneração. Só após minuciosa constatação de todas as indignidades cometidas se resignou a celebrar o santo sacrifício da missa; e isto depois de tudo haver disposto para que a cerimônia se pudesse realizar.

De cento e treze dias, foi a permanência da coluna em Miranda – de 17 de setembro de 1866 a 11 de janeiro seguinte. A 28 de dezembro retirou-se um dos comandantes enviados da capital de Mato Grosso, ele próprio atacado pela epidemia. A 31 de mesmo mês apresentava-se em Miranda o coronel Carlos de Moraes Camisão; e no dia imediato, 1º de janeiro de 1867, assumia o comando, como já o dissemos.

Enviou imediatamente a Nioc dos membros da comissão de engenheiros, Catão Roxo e Escragnonle Taunay, a fim de examinarem as estradas e o local e preparar ali acampamentos, tomando ao mesmo tempo algumas disposições relativas à recepção de enfermos e ao armazenamento das munições de guerra e da boca.

A 10 tornou pública a ordem de marcha.

Nova organização dera ao corpo de exército. Anteriormente dividia-se em duas brigadas, cada qual composta de três corpos. Mas tanto uma como outra estavam tão reduzidas, que as manobras, baseadas sobre um número certo de homens, se haviam tornado quase impraticáveis. Pela fusão de todas em uma brigada de mil e seiscentas praças, ficou o estado-maior aligeirado, e não sem vantagens para o erário público, de pessoal supérfluo. Tal medida, desde muito reputada útil, teve geral aprovação.

Moveu-se a força a 11; e, pela primeira vez, as peças de artilharia montada, puxadas por bois, acompanharam a marcha da infantaria.

Saíram os diferentes corpos da vila de Miranda completamente fardados, armados e providos de munições, libertos, pressentiam-no, das provações a que se submeteram, desvanecidos daquele sentimento de disciplina que tudo os fizera suportar, embora exercitando-se, cada vez mais, no manejo das armas. O que estes homens pediam era um clima salubre que os revigorasse e os pusesse em condições de agir. E este iam encontrá-lo em Nioac, a 210 quilômetros a sudeste de Miranda.

Era a estrada larga e corria ao longo de magníficos bosques, onde predominavam os umbus balsâmicos, espalhando ao longe o perfume das flores abertas, os piquis, carregados de frutos, e as inesgotáveis mangabeiras.

São mui belos os acidentes do terreno; os ribeirões e riachos, a correrem volumosos por toda a parte, ofereciam excelente água. Já não mais pousávamos os olhos sobre as tristonhas perspectivas dos pântanos. Pelo contrário, nos comprazíamos agora em contemplar verdejantes campinas, trechos que apresentavam os mais poéticos aspectos, à sombra de poderosos contrastes luminosos. Até Lauiad ruma a estrada, diretamente, para leste. A partir deste ponto toma a direção sul-sudeste. O panorama que então subitamente se desdobra é realmente grandioso. Aos pés do espectador, vasta campina a que embelezam magníficos acidentes; além, as grandes orlas da mata que acompanham as sinuosidades das belas águas do Aquidauana; ao longe a extensa serra de Maracaju, com os píncaros escavados, refletindo os esplendores do Sol, e coroando toda esta massa prodigiosa, azulada pela distância. Foi este ponto, com razão, chamado pelos Guaicurus Campo Belo (Lauiad).

Parece apanágio dos povos civilizados o sentimento admirativo; pelo menos bem raro é nos homens primitivos a sua manifestação exterior. No entanto, as grandes linhas de um quadro

majestoso da natureza conseguem, às vezes, vencer a feição material do selvagem, unindo ao autor da obra o rude espectador maravilhado. O primeiro Guaicuru que sobre esta região encantada deitou os olhos, não pôde conter a exclamação de surpresa; com a voz gutural e cavernosa pronunciou a palavra Lauiad, que para sempre a assinalou.

A quatro léguas de Lauiad está a Forquilha, onde o Nioac conflui com o Miranda.

São todos estes panoramas de incomparável beleza. Uma eminência, entre outras, de onde se dominam as margens cheias de mata do Uacogo, do Nioc e do Miranda, enlaçando a planície em suas curvas convergentes, oferece aspecto que sobrepuja ainda, se possível, o panorama da Lauiad. Tão brilhante, tão suave a luz que a toda aquela paisagem cobre que, involuntariamente, vem a imaginação emprestar a sua magia a este irresistível conjunto dos encantos da terra e do céu. Apertadas entre altas ribanceiras, cobertas de taquaruçus, correm as águas frescas do Nioac sobre um leito quase contínuo, de grés vermelho, disposto em grandes lajes; e, em vários lugares, é a ação da correnteza sobre a pedra tão notável, que se recomenda à atenção e ao estudo do geólogo. Mas quem, sábio ou artista, não acharia farta messe nestes campos admiráveis- Na extensão das dez léguas que separam a Forquilha de Nioc têm os terrenos nível inferior aos que precedem Lauiad, muito embora jamais possam, em tempo algum, ser invandidos pela inundaçãõ. São, pelo contrário, secos e cobertos de pedregulho, como de macadame natural. Nos cerrados surgem os piquis, freqüentes.; há também uma grande árvore que se cobre de bagas açucaradas e agradáveis, a que chamam fruta-de-veado. Não se mostram os jacarandás, também, aí raros.

Realizou-se a marcha para Nioac com muita ordem e regularidade. Eram alguns doentes transportados em redes, outros em cangalhas semelhantes aos cacolets usados pelo exército francês na Argélia e da invenção de Larrey, no Egito. Grandes serviços nos prestou este excelente modo de transporte. Suavizou, até, os últimos momentos do capitão Lomba, do 21º batalhão, que morreu ao chegar, supremo sacrifício, oferecido ao mau fado da nossa longa permanência em Miranda.

A benigna influência do planalto que atingíramos fez desaparecer completamente a epidemia. Restabeleceram-se do pronto os doentes: não tornamos a ver aquelas terríveis dormências, sinais precursores do mal que tantas vítimas causara.

III

Nioac. O coronel Carlos de Moraes Camisão. O guia José Francisco Lopes.

Fora a vila de Nioac abandonada pelo inimigo a 2 de agosto de 1866. Por toda a parte ali se viam vestígios do incêndio. Poupadas, apenas, duas casas e uma pequena igreja de pitoresca aparência. À primeira vista agrada o aspecto geral do lugar. De um lado, o povoado e um ribeirão chamado Orumbeva; do outro, o rio Nioac, cujas águas confluem cerca de 900 metros, para trás da igreja, deixando livre, em torno desta, à direita e à esquerda, um espaço duas vezes maior. Pequena colina fica-lhe em frente, a pouca distância.

Ali chegamos às 11 horas de 24 de janeiro de 1867 acampando, em ordem de batalha, com a direita encostada à margem direita de Nioac; e a esquerda à mata do Orumbeva. Instalaram-se o quartel-general e o trem à retaguarda, no local da vila, ocupando o hospital as pequenas casas salvas do fogo e um grande galpão que às pressas se construiu.

Serviu a nave da igreja — de onde se retirara tudo quanto ainda havia de símbolos do culto — de depósito ao cartuchame e a todas as munições.

Ergueram-se, de todos os lados, ranchos de palha, gurbis como lhes chamam na Argélia, e, dentro em pouco, oficiais e soldados ali se acharam tão bem instalados quanto as circunstâncias o permitiam. Um bem-estar, desde vários meses ausente, o renovamento da existência um sentimento de plenitude de vida a todos nós exaltava, e em todos se transmutava na ânsia de sobressair, graças a algum brilhante feito d'armas que chamasse a atenção do país para uma expedição desde muito inativa. Reinavam no acampamento a esperança e a alegria.

Perigo havia, contudo, neste entusiasmo; e os que conheciam o chefe, de si para si, indagavam, com secreto desassossego, qual lhe seria a demonstração da iniciativa.

Ia-lhe no peito amarga lembrança que não conseguia remover da mente. Ao abandonar o coronel Oliveira, comandante das armas da província, a praça de Corumbá (1), embora estranho às primeiras deliberações motivadoras desta precipitada retirada, figurara neste triste episódio o coronel Camisso na qualidade de comandante do segundo batalhão de artilharia; e, por tal motivo, vira-se acoimado de solidariedade com este ato de fraqueza. Contra ele servira-se a malevolência destas vozes cruéis, circulando, em tal época, um soneto impresso, acerbo estigmatizador dos defensores de Mato Grosso. Dentre os nomes nele apontados, lera o próprio...

Subsistia a dor da afronta, profundamente magoado como se lhe achava o pundonor militar. Com verdadeira paixão aceitara o comando da expedição. Seria, a seu ver, o modo de se reabilitar perante a opinião pública e, desde tal momento, concebera o projeto não de se manter na defensiva, como o critério o indicava, dada a exigüidade dos recursos de que podia dispor, e sim de levar a guerra ao território inimigo, fossem quais fossem as conseqüências.

Dia a dia, cada vez mais, tal idéia o empolgara. Sob, a influência de legítimo ressentimento, tomou a feição da fixidez, apesar da inata indecisão do caráter. Si nistro fadário o impelia ao infortúnio.

Encontrava-se no arquivo da coluna um ofício do Ministro da Guerra recomendado a marcha sobre o Apa logo que as conjunturas a tanto se prestassem.

Ali enxergou, não o que exatamente havia, uma indicação facultativa, mas a ordem de

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

